

Sincretismo: Interação e intercâmbio das experiências religiosas nas culturas como uma experiência da Graça de Deus

JOSÉ LUIS ISIDORO*

1. ALGUNS PROBLEMAS COM O CONCEITO “SINCRETISMO”

Segundo Luiz Roberto Benedetti,¹ na realidade, o termo é suspeito. “Quem diz sincretismo diz mistura, colagem e, por extensão, impureza, contaminação. No campo eclesiástico, é uma visão ortodoxa da fé. Parte do pressuposto de uma religião pronta,

* Magister en Biblia (Nuevo Testamento). Brasileño que trabaja en Ecuador.

¹ Luiz Roberto Benedetti. “As abordagens sobre o Sincretismo” en Ervino Schmidt; Walter Altmann (editores). *Inculturação e Sincretismo*. Porto Alegre: CONIC, 1994, 47.

verdadeira em si mesma, sem mescla, mistura, confusão, expressão direta da divindade através de intérpretes autorizados. Nada mais hostil a isso que a admissão de elementos estranhos a uma verdade ‘verdadeira’ em si mesma”.

Em outra abordagem, Heitor Frisotti² diz que “a palavra ‘sincretismo’ é uma das mais usadas para caracterizar a religiosidade popular afro-brasileira. Muitos agentes de pastoral consideram algumas devoções e práticas, como freqüentar o terreiro, cultuar santos que pertencem ao mundo simbólico das religiões afro-brasileiras, o pedido de sacramentos e missas por parte de pais e mães-de-santo, etc., como comportamentos desviantes, deturpações da fé ou sinais de ignorância religiosa. Não é raro que padres e religiosas acusem publicamente as pessoas ligadas ao candomblé de viver ‘no sincretismo’. A acusação mais freqüente é de ‘servir a dois senhores’ ou de ‘acender uma vela para Deus e outra para o diabo’.”

Segundo Sérgio F. Ferretti, “apesar da vasta literatura, curiosamente o sincretismo religioso até hoje tem sido tratado com certo ‘desinteresse’ e mesmo com menosprezo por diversos autores. Entre estudiosos e conhecedores do tema, como entre participantes e interessados nas religiões afro-brasileiras, é comum ouvirmos expressões de rejeição, de negação, de recusa ou desprezo pela palavra sincretismo. O sincretismo é um tema confuso, contraditório e ambíguo. Muitos não gostam, recusam-se a abordá-lo e evitam mesmo o uso da palavra. Nos dicionários se constata que sincretismo se aproxima de ecletismo, de percepção confusa ou infantil, de união artificial de idéias

²Heitor Frisotti: “O que para alguns é Sincretismo...” en Schmidt y Altmann (editores). *Inculturação e Sincretismo*, 57

disparatadas, de fusão de elementos antagônicos, de promiscuidade. Predominam portanto aspectos pejorativos nos sentidos mais comum do termo”.³

2. A PERTINÊNCIA DE CONCEITOS PARA A REFLEXÃO

*⊙ conceito
“sincretismo” não se
aplica somente ao
campo religioso-
cultural, mas também
a arte, a filosofia e a
ciência e, muitas
vezes, de maneira
diversificada.*

Sendo assim, se faz mister manejar alguns conceitos que abrirão horizontes para o debate hermenêutico e também para o campo fenomenológico das experiências religiosas no seio das culturas. A multiformidade das experiências religiosas nos chamam à atenção a outros fatores que, indubitavelmente são inerente a toda experiência humana e cosmogônica; isto é, a identidade e a alteridade no processo de interação e trocas sócio-culturais e religiosas. Assim que, para definir o termo “sincretismo”, a partir das diversas experiências dos grupos sócio-culturais se faz necessário, na perspectiva da identidade e alteridade, definir conceitos como etnia, fronteiras étnicas e processo de inter-relação. Pois, não são poucas as vezes que encontramos confusão e ideologização de conceitos como sincretismo, cultura, identidade, etc., que historicamente respondem interesses e posturas ideológicas que, ignoram os fenômenos vividos e elaboram justificativas que, muitas vezes contradizem a essência dos próprios conceitos e, por que não também dos fenômenos. O conceito “sincretismo” não se aplica somente ao campo religioso-cultural, mas também a arte, a filosofia e a ciência e, muitas vezes, de maneira diversificada.

³Sérgio Figueiredo Ferretti. *Repensando o Sincretismo*. São Paulo: EDUSP, 1995, 87-91.

Iniciaremos apresentando alguns conceitos e definições de cultura, identidade e seus enlaces múltiplos a partir de Adam Kuper e Denys Cuche. Talvez esses conceitos nos ajudem na compreensão do respectivo tema a partir da contribuição teórica de Afonso M. L. Soares, cuja obra, *Interfaces da Revelação*, desenvolve a Teologia do sincretismo religioso no Brasil. A tentativa é a de ir esclarecendo o conceito “sincretismo” a partir das diversidades de opiniões existentes, no seu enlace com outros conceitos e desde os fenômenos históricos cultural-religiosos vivenciados, que exigem cada vez mais coerência com os conceitos a eles atribuídos.

Adam Kuper, citando a James Clifford (*The Precipitation of Culture*), diz que a “cultura representa a capacidade permanente que os grupos tem de fazer para uma verdadeira diferença. É por essa razão que devemos preservar as funções diferenciais e relativistas do conceito e evitar a pressuposição de essências cosmopolitas e denominadores comuns humanos”.⁴ Kuper, ao aproximar-se do pensamento de Claude Lévi-Strauss considera que, “a maioria das pessoas insistem em sua singularidade e em sua diferença dos outros, e tende a considerar os costumes alheios como monstruosos e escandalosos e a achar que aqueles que os tem não são totalmente humanos”.⁵

Para Kuper “separar uma esfera cultural e tratá-la em seus próprios termos não constitui uma boa estratégia. Todos nós temos identidades múltiplas. Se eu me considero apenas um ser cultural, deixo muito pouca margem para manobra ou para

⁴James Clifford, citado em Adam Kuper. *Cultura: a visão dos antropólogos*. Bauru: EDUSC, 2002, 306.

⁵Claude Lévi-Strauss, citado em Adam Kuper. *Cultura: a visão dos antropólogos*, 306.

questionar o mundo em que me encontro. A teoria da cultura deveria estimular a nos comunicarmos através de fronteiras nacionais, étnicas e religiosas, e a nos aventurarmos além delas”.⁶

Denys Cucho, citando a Fredrik Barth (1969) afirma que “deve-se tentar entender o fenômeno da identidade através da ordem das relações entre os grupos sociais. Para Barth, a identidade é um modo de categorização utilizado pelos grupos para organizar suas trocas. Os membros de um grupo não são vistos como definitivamente determinados por sua vinculação etno-cultural, pois eles são os próprios atores que atribuem uma significação a esta vinculação, em função da situação relacional em que eles se encontram. A identidade se constrói e se reconstrói constantemente no interior das trocas sociais”.⁷

Para Cucho, “não há identidade em si, nem mesmo unicamente para si. A identidade existe sempre em relação a uma outra. Identidade e alteridade são ligadas e estão em uma relação dialética. A identificação acompanha a diferenciação”.⁸

O sincretismo apresenta-se assim como uma categoria socio-antropológica imbuída de componentes socio-culturais determinantes na construção das identidades dos povos e culturas. Essa categoria, desde os grupos sócio-culturais em sua multi-composição, torna-se dinâmica, elástica em suas trocas e assimilação, no processo de interação em sua fronteira étnica e geográfica. Contudo, não obstante a fluidez e elasticidade em seu dinamismo, mantém a alteridade em sua identificação.

⁶ Adam Kuper. *Cultura: a visão dos antropólogos*, 311.

⁷ Fredrik Barth, citado em Denys Cucho. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 1999, 182-183.

⁸ Denys Cucho. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 1999, 183.

3. O SINCRETISMO NO ÂMBITO DAS EXPERIÊNCIAS RELIGIOSAS

No âmbito das experiências religiosas apontam-se vários limites e contingências para a compreensão do fenômeno do sincretismo, uma vez que, segundo a tradição cristã ocidental há pouco lugar para a variedade de faces da revelação de Deus. Ela já alcançou sua plenitude em Jesus Cristo. Sendo assim, as experiências religiosas que partem de outros pressupostos da revelação divina ou de outros eixos receptores da mesma poderão ser estigmatizadas como heresia. Aplica-se o termo de “sincretismo confuso, contraditório e ambíguo a essas experiências religiosas”.

Afonso M. L. Soares, em sua obra *Interface da revelação* aponta a um problema: “Como conciliar o absoluto do Deus que se revela com a inevitável relatividade do meio utilizado e de seus resultados?”⁹ Soares aponta que o principal argumento usado pelo cristianismo “está na certeza de que a revelação de Deus à humanidade tenha atingido em Jesus de Nazaré, um nível de profundidade jamais equiparado antes ou depois de tal evento (plenitude da revelação). Eis aqui o dogma cristão. Sendo assim, se dispensou, por muitos séculos o interesse dos teólogos em avançar no problema: ‘aceitava-se implicitamente que, por lidar com o absoluto, a Igreja tornava-se, na prática, absoluta.’”¹⁰

O autor, a partir desse esclarecimento problematizado aponta outros elementos que irão conduzir tal reflexão. Por exemplo, as duas naturezas de Jesus de Nazaré (*humana e divina*), o esforço

⁹ Afonso M. L. Soares. *Interfaces da revelação*. São Paulo: Ed. Paulinas, 2003, 17.

¹⁰ Soares, *Interfaces*, 17.

popular de juntar deuses diferentes e, até, contraditórios numa mesma experiência religiosa e a formulação simbólica-teórica do dogma trinitário (a experiência do múltiplo na divindade). Isto é, “Como podem as Igrejas Cristãs rejeitar peremptoriamente o sincretismo teológico-religioso e, no entanto, afirmar que, em Jesus de Nazaré, estão presentes, numa mesma pessoa divina, duas naturezas (humana e divina) radicalmente distinta, sem mistura, confusão ou separação? Como desqualificar, por principio, o esforço popular de juntar deuses diferentes e, até, contraditórios numa mesma experiência religiosa, cegando-se à possível semelhança entre esforço e a genial formulação simbólico-teórica do dogma trinitário, que procura o difícil equilíbrio entre a convicção monoteísta e a experiência do múltiplo na divindade?”¹¹

*Como conceber
um cristianismo
como religião
possuidora da
única revelação
de Deus nesse
contexto plural
de experiências
religiosas?*

Considerando o sincretismo religioso no âmbito afro-católico do Brasil, Afonso L. M. Soares, mencionando a R. Bastides, faz as seguintes considerações.¹² O chamado sincretismo afro-católico, se baseia em três relações: a primeira consiste no padrão teológico católico da intercessão aos santos para se chegar a Deus Pai, que se acomodou à cosmovisão *iorubana* dos orixás como intercessores dos humanos junto a *Olorum*; a segunda relação é cultural, isto é, em se tratando de cura e proteção os *santos* estão para as necessidades cotidianas como os *orixás* para as situações do mundo natural; a terceira relação consiste na teia social construída entre as nações africanas e confrarias criadas e / permitidas pela Igreja Católica.

¹¹ Soares, *Interfaces*, 18.

¹² R. Bastides, citado em Soares. *Interfaces da revelação*, 50.

Para Bastides o chamado sincretismo não tem a ver com misturas ou identificações (entre orixás e santos), mas com semelhanças e equivalências. Portanto, quando um dos fiéis se diz católico não está mentindo; ele é, ao mesmo tempo católico e membro do candomblé. Pela lei das analogias, ambas as pertenças não são opostas, apenas separadas.¹³

Afonso M. L. Soares apresenta algumas opiniões de caráter teológico-pastoral a respeito do sincretismo no Brasil. Trata-se das opiniões de cunho teológico de P. A. Ribeiro de Oliveira. Pois, como compreender o sincretismo, ou o processo sincrético no Brasil, a partir do pluralismo religioso que se vivencia? Como conceber um cristianismo como religião possuidora da única revelação de Deus nesse contexto plural de experiências religiosas?

Citando a P. A. Ribeiro de Oliveira, Soares¹⁴ afirma que este autor distingue o sincretismo da mistura, a fim de que se possa analisar a coexistência das religiões no Brasil. Para Soares, Ribeiro faz a diferenciação entre “mistura” e “sincretismo”. Pois a mistura está no nível do indivíduo e não afeta diretamente nenhum dos sistemas religiosos, enquanto o sincretismo produz uma expressão religiosa original. Soares traz a seguinte ilustração, se baseando em um depoimento recolhido por Ribeiro:

Todas as religiões são boas, porém, uma para cada ocasião. Para alguém sem problema na vida, a religião melhor é a católica; basta venerar os santos, ir à missa quando se quer, e ninguém vai perturbar você. Quem em vez tiver problema de dinheiro, o melhor a fazer é procurar os crentes, porque eles nos ajudam como irmãos; só que, infelizmente, eles não deixam a gente beber, fumar, dançar, não se pode fazer nada. Agora,

¹³ Bastides citado em Soares, 50-51.

¹⁴ Ribeiro P. A. Oliveira, citado em Soares. *Interfaces*, 63.

para quem sofre de dor de cabeça, a religião melhor é a dos espíritas; ela é exigente com as pessoas, não se pode faltar nas reuniões, mas cura prá valer. Se Deus quiser, quando estiver curada, eu volto para o catolicismo.

4. O PLURALISMO CULTURAL-RELIGIOSO COMO EXPERIÊNCIA DA GRAÇA DE DEUS: “PENTECOSTES”

Na constituição da lista dos povos presentes na experiência de Pentecostes (Atos 2,9-11), provavelmente não era a intenção de Lucas apresentar toda a geografia do NT, e muito menos delimitar ou reduzir o horizonte querigmático à concepção veterotestamentária de um “único povo escolhido de Israel”. O relato de Pentecostes em Atos dos Apóstolos oferece uma visão panorâmica do alcance da experiência cristã que concerne à missão a muitos povos e nações, não obstante a definição dos presentes como “judeus” vindo de todas as nações que há debaixo do céu. Para Paulo Nogueira, “o mito de Pentecostes legitima as comunidades cristãs da diáspora e as comunidades gentílicas, como também acolhe ecumenicamente a comunidade de Jerusalém”.¹⁵

Para Josep Rius-Camps, a *lista dos povos* apresentada em Pentecostes corresponde a uma geografia que entrelaça as nações. “Os quinze povos ou nações estão ordenados seguindo uma linha imaginária que enlaça os quatro pontos cardeais, passando pelo centro, *Judéia*’ com sua capital ‘Jerusalém’, onde ‘residiam’ de forma provisória/estável os representantes de toda a humanidade

¹⁵ Paulo Nogueira. “La comunidad olvidada: Un estudio sobre el grupo de los helenistas en Hch 6,1-8,3”, en *Revista de Interpretación Bíblica Latino Americana* (RIBLA), n. 22, 1996, 120.

*No pluralismo
étnico-cultural dos
pólos presentes na
experiência de
Pentecostes se
afirma a
“gratuidade de
Deus’ na
comunicação
do “Espírito”.*

conhecida no momento do acontecimento pentecostal. Observa-se um movimento retilíneo que parte do *oriente* (primeiro grupo), passa pelo *centro* até o *norte* e logo até o *sul* (segundo grupo) e conduz ao *ocidente*, para depois voltar de novo até o *oriente* (terceiro grupo), abarcando assim os quatro pontos cardeais”.¹⁶ Na perspectiva de James M. Scott, esse desenlace geográfico a vários pólos culturais dilata o âmbito meramente romano do cristianismo, considerando as influências do mundo greco-romano no

âmago do cristianismo primitivo. Assim, o autor considera que “o alcance de Atos 2,9-11 indica regiões como o extremo sul da Etiópia e Cirene, como o extremo leste de Arábia, Elam, Média, e Partia, como o extremo norte e costa sul do mar Euxin e costa norte do mar Ageu, e como o extremo ocidente de Roma. O mesmo contexto estende o horizonte geográfico a ‘muitas nações debaixo do céu’(At 2,5)”.¹⁷

No horizonte “lucano” da geografia do Pentecostes estava presente, certamente, a geografia das diásporas do primeiro século d.C., que do sul do Nilo se estendia ao norte com a Ásia Menor, ao oeste com Roma e à leste com a Mesopotâmia; estabelecendo elos com Cartago, Grécia, Egito, Jerusalém e Susa. Nota-se que a geografia Pentecostal aponta a um imaginário geográfico que supera o próprio mapeamento das diásporas, ativando assim o mandato de Jesus aos “confins da terra” (At 1,8) como

¹⁶ Joseph Ruis-Camps. *De Jerusalén a Antioquia. Génesis de la Iglesia Cristiana: Comentario lingüístico exegético a Hcb.1-12*. Córdoba: Ediciones El Almendro, 1989, 72-73.

¹⁷ James M. SCOTT. “Luke’s Geographical Horizon”, en David W.J. Gill y Conrad Gempf (editores). *The Book of Acts in its First Century Setting: The Book of Acts in its Graeco-Roman Setting*. Michigan: Eerdmans, 1994, 523.

possibilidade real de experiências cristãs em terras e povos distantes. No pluralismo étnico-cultural dos povos presentes na experiência de Pentecostes se afirma a “gratuidade de Deus” na comunicação do “Espírito”.

COMO CONCLUSÃO

Podemos notar que o conceito de sincretismo no campo dos fenômenos religiosos se abre ao debate conceitual e ultrapassa àquela definição onde não se reconhecia a alteridade dos sujeitos e grupos no seu processo interrelacional, e assim se deduzia tal processo nas chamadas “sínteses”, “mistura” ou “fusões” cultural-religiosa. Pode-se incorrer numa grave deficiência ou negligência ao definir “sincretismo” como simbiose, mistura, promiscuidade e inter fusão. Ao atribuir essa definição de sincretismo ao conjunto de experiências sócio-culturais e religiosas que se interagem, não isento de conflitos, surge a necessidade de resolver esses “conflitos sócio-culturais” buscando uma “nova fisionomia” para esse processo, a partir de elementos hegemônicos que poderão neutralizar a alteridade e a identidade dos sujeitos que se interagem. Waldemar valente,¹⁸ citando a Pierson, (1945) diz que “Sincretismo é um processo que se propõe resolver uma situação de conflito cultural. Neste, a principal característica é a luta pelo *status*, ou seja, o esforço empreendido no sentido de conseguir uma posição que se ajuste à idéia que o individuo ou o grupo tem da função que desempenha dentro de uma cultura”.

Muitos dos autores aqui mencionados estão, um tanto, de acordo que o processo sincrético não significa anulação da alteridade e dos elementos simbólicos-representativos que caracterizam os grupos sócio-culturais. Podemos perceber que os conflitos ou tensão no processo sincrético se dão no campo da hermenêutica e poucas vezes no campo fenomenológico, uma

vez que, “é possível crer isto e aquilo também”,¹⁹ ou é possível ir ao terreiro na sexta feira e à missa no domingo.

Entretanto, no nível da compreensão pode-se “ideologizar” a religião para sustentar determinados interesses, gerando conflitos e tensões nos grupos sócio-culturais: “Um componente paradoxal, na historia das religiões e de sua inserção social, está em que, em nome da garantia de sua identidade e defesa de seu território, apelando para as mensagens pétreas da compaixão, da solidariedade, do amor ao outro, seus membros se envolvem em conflitos políticos e religiosos com conseqüências mortíferas”.²⁰

A compreensão cristã (dogma cristão) de que a revelação de Deus se realizou, em sua plenitude, em Jesus de Nazaré não se sustenta a partir do mencionado conceito de “sincretismo”; uma vez que existe uma multiformidade de experiências religiosas que vivem a mística da transcendência desde sua cosmovisão; não anulando, contudo, a afirmação de que, em Jesus também está a revelação do divino. Pois, os vários “níveis de sincretismo que constituem todo e qualquer grupo cultural e religioso no seu desenvolvimento histórico, poderia ser imunizado pela compreensão do cristianismo como religião possuidora da única e verdadeira revelação de Deus”,²¹ e então o cristianismo, através de suas representações institucionais, providos dos poderes da “revelação” (Doutrina) rejeitariam qualquer processo sincrético ou levaria a uma compreensão de *sincretismo* absolutizando certas categorias socio-culturais e admitindo pressupostos da existência

¹⁸ Pierson, 1945, citado em Waldemar Valente. *Sincretismo Religioso Afro-Brasileiro*. São Paulo: Ed. Nacional, 1976, 10.

¹⁹ Valente, *Sincretismo*, 56.

²⁰ Luiz Eduardo W. Wanderley em Wagner Lospes Sanchez (coord.). *Cristianismo na América Latina e no Caribe*. São Paulo: Paulinas, 2003, 253.

²¹ Soares, *Interfaces da Revelação*, 59.

de raças superiores e inferiores, resultando assim na discriminação de determinados grupos em seu processo inter-relacional e de interação. O debate a respeito do “sincretismo” possibilita um enriquecimento, não somente no marco conceitual e hermenéutico, mas também no universo onde se geram os fenômenos e seu processo de interação sócio-cultural-religioso.

○ debate a respeito do “sincretismo” possibilita um enriquecimento, não somente no marco conceitual e hermenéutico, mas também no universo onde se geram os fenômenos e seu processo de interação sócio-cultural-religioso.

Quando se trata do cristianismo, se ampliamos o horizonte de compreensão do pluralismo das experiências religiosas no nosso âmbito continental, concluimos que o tema torna-se muito mais complexo; pois o processo de formação do cristianismo na América Latina e no Caribe, não obstante as contradições existentes, foi plural desde o início, como um “novo Pentecostes”, assim como a formação dos nossos povos, “tomando-se em conta os agentes colonizadores vindos de diferentes metrópoles européias; a multiplicidade dos povos indígenas; a proveniência dos milhões de escravos trazidos às Américas, oriundos de distintas regiões culturais, lingüísticas e religiosas da África. Posteriormente, no século XIX, as correntes imigratórias tornaram o anterior quadro mais complexo e diversificado”.²²

Assim, é na perspectiva do pluralismo e diversidades das tradições culturais e religiosas, no dinamismo, na fluidez e tensão em suas relações de interação e na preservação das identidades dos sujeitos sócio-cultuais que devemos situar o tema “*sincretismo religioso-cultural*” e “*alteridade dos sujeitos*”.

²² José Oscar Beozzo, em Sanches, *Cristianismo na América Latina e no Caribe*, 61.

Na pluralidade e diversidade de imagens e experiências do divino “todos somos politeístas, de certa maneira. Se realmente vamos ao fundo, todos somos sincretistas. Isto é bom: quanto mais ampliamos nossa tenda, mais energia divina somos capazes de captar com nossas antenas”.²³

Bibliografia

- Cuche, Denys. *A noção de Cultura nas Ciências Sociais*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário AURELIO da Língua Portuguesa*. 2ª. Edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Ed Nova Fronteira, 1986.
- Ferretti, Sérgio Figueiredo. *Repensando o Sincretismo: Estudo sobre a Casa das Minas*. São Paulo: EDUSP, 1995.
- Kuper, Adam. *Cultura: a visão dos antropólogos*. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- Nogueira, Paulo Augusto de Souza. “La comunidad olvidada: Un estudio sobre el grupo de los helenistas en Hch 6,1-8,3”. *Revista de Interpretación Bíblica Latino Americana (RIBLA)*, n. 22, 1996, 104-120.
- Rius-Camps, Joseph. *De Jerusalén a Antioquia. Génesis de la Iglesia Cristiana: Comentario lingüístico exegético a Hch.1-12*. Córdoba: Ediciones El Almendro, 1989.
- Sanchez, Wagner Lopes (Coord.). *Cristianismo na América Latina e Caribe*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- Schmidt, Ervino y Walter Altamn (editores). *Inculturação e Sincretismo*. Porto Alegre: CONIC, 1994.
- Scott, James M. “Luke’s Geographical Horizon”, en Gill, David W.J. Y Conrad Gempf (editores). *The Book of Acts in its First Century Setting: The Book of Acts in its Graeco-Roman Setting*. Michigan: Eerdmans, 1994, 483-544.
- Soares, Afonso M. L. *Interfaces da Revelação: pressupostos* ., 286p.
- TEMPO/Universidade Federal Fluminense, Departamento de Historia. Vol. 6, no. 11, Jul. 2001. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2001.
- Valente, Walente. *Sincretismo religioso Afro-brasileiro*. 2ª. Ed. São Paulo: Ed. Nacional; Brasília, INL, 1976.

²³ Soares, *Interfaces*, 29.